



EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

2016

**CURRÍCULO:
RECONHECIMENTO E
VALORIZAÇÃO ÉTNICO-RACIAL**

**AS POPULAÇÕES INDÍGENAS
NO PARANÁ**



"...tudo na terra tem um propósito, cada doença uma erva para curar, cada pessoa uma missão a cumprir. Esta é a concepção dos índios sobre a existência..." India Salish

Conforme dados censitários (IBGE, 2010 e FUNAI), existe atualmente, no Estado do Paraná cerca de vinte e cinco mil, novecentos e quinze índios das etnias Kaingang, Guarani e Xetá, vivendo nas 27 terras indígenas demarcadas.

A economia dessas comunidades baseia-se na produção de roça de subsistência, pomares, criação de galinha e porco. Para complementar a renda familiar produzem e vendem artesanato como cestos, balaios, arcos e flechas.

Professores indígenas atuam como alfabetizadores e intérpretes no ensino das línguas Guarani ou Kaingang, o que contribui para a valorização dos conhecimentos tradicionais e a consequente preservação da identidade cultural.

PAPEL DO CACIQUE

Atualmente, em cada terra indígena do Paraná existe um cacique¹, "eleito" ou indicado pelo grupo para exercer a autoridade política, sendo também responsável por fazer os contatos e as negociações com autoridades da sociedade envolvente.

Na escolha do cacique, considera-se a tradição, a hereditariedade (descendência patrilinear), a experiência e o prestígio conquistado pela família, bem como a participação histórica desta nas lideranças do grupo. Outros atributos do cacique, segundo Fernandes (2003) devem ser: promover a distribuição de responsabilidades entre os membros de sua liderança (o número dos membros da liderança de um cacique variam conforme o tamanho da área e o número de moradores) que têm como atribuição o controle social, a representação da comunidade nos processos de tomada/implementação das decisões e a manutenção dos mecanismos de controle social (o tronco, a cadeia e os aconselhamentos).

O cacique de uma Terra Indígena tem autoridade para falar em nome da comunidade com instituições e membros do poder público (FUNAI, prefeito, secretários, governador, administradores regionais, membros de universidades), participar de reuniões, tomar decisões, redigir e assinar documentos, negociar projetos, receber verbas provenientes do ICMS ecológico, arrecadar doativos e distribui-

¹ No caso de São Jerônimo existem dois caciques. Devido aos conflitos interétnicos constantes, o grupo decidiu fazer uma divisão interna, concretizada em 2004. Na mesma Terra (terra, equipamentos, instalações) foi dividido entre o grupo Kaingang e o grupo Guarani sendo eleito um cacique e vice-cacique com suas respectivas lideranças para comandar cada grupo. É importante ressaltar que (devido aos casamentos interétnicos) entre o grupo Kaingang existem alguns Guaranis e vice-versa.

los, organizar as principais festas, cuidar das instalações e bens do posto (trator, caminhões, arados, etc.) decidir sobre nomeações (junto com o chefe do posto da FUNAI) de funcionários aos cargos existentes, organizar grupos de trabalho nas roças comunitárias, solucionar conflitos familiares, aconselhar os pais para que mandem as crianças para a escola, proibir o uso de bebidas alcoólicas e impor penalidades aos infratores das normas e regras da organização social do grupo atribuindo, nos diversos casos (desde assassinatos até desavenças conjugais), o tempo que uma pessoa deve ficar amarrada ao tronco (existente em algumas terras) ou presa (podendo levar dias, semanas ou meses, nunca alcançando um ano) na cadeia da área.

Não há remuneração para a função de cacique, seu trabalho é “doador” à comunidade, seu poder e prestígio é medido por sua capacidade de conseguir bens e serviços para seu grupo por meio da intermediação com a sociedade envolvente.

ARTESANATO

Existe a renda proveniente da venda do artesanato. No passado a cestaria era feita para atender uma necessidade interna tendo apenas valor de uso. Como resultado do contato e surgimento da dependência econômica, esta atividade adquiriu também valor de troca cujos rendimentos são utilizados na aquisição de produtos não disponíveis na área (sal, macarrão, açúcar, roupa, calçado, eletrodoméstico etc.).

OS KAINGANG

Devido à organização sócio-cultural dos Kaingang o cacique tem tendência ao favorecimento da própria família, devendo mostrar disposição em beneficiar também a parentagem e a comunidade como um todo (principalmente velhos e crianças).

Os Kaingang pertencentes à família linguística Jê preferiam habitar as regiões de campos e florestas de Araucária Angustifolia, e tinham no pinhão sua principal fonte de subsistência. Os territórios Kaingang compreendiam além das aldeias, extensas áreas, onde estabeleciam acampamentos utilizados nas expedições de caça, pesca e coleta.

Decorridos 500 anos de contato, os Kaingang preservam o idioma, possuem nomes indígenas e conhecem seu grupo clânico, apesar de raramente utilizarem a pintura corporal.

É importante observar que não há homogeneidade mesmo no interior de uma etnia e por isso, os Kaingang apresentam heterogeneidades que se observam entre as diferentes áreas. Segundo Fernandes (2003), existem, por exemplo, diferenças que se manifestam no tocante à organização política.

O autor assinala que alguns grupos atuam de forma mais intensa na política dos “brancos” enquanto outros são avessos a ela, indicando que





a cultura Kaingang é a dinâmica e dotada de princípios classificatórios e organizacionais de grande alcance que se manifestam em todos os campos da vida social, mas “não é óbvia a olhos não treinados, não insistentes, não iniciados.” (FERNANDES, 2003, p.5). O autor argumenta que pelo convívio com os Kaingang é possível perceber que as atividades cotidianas estão marcadas por distintivos étnicos, pequenos atos que indicam a filiação cultural tais como o tipo de agricultura, a caça, a cestaria, o respeito pelas crianças, a perambulação entre as áreas indígenas, a existência de pequenas casas de fogo atrás ou ao lado da casa principal onde geralmente vivem os mais velhos.

O estudo de Rocha (2005) mostra que os Kaingang têm uma concepção específica de saúde, doença, dor e uso de remédios tanto os “do mato” como os “do branco”. Os Kaingang acreditam que as plantas têm inspiração, vida, e daí provém seu poder de cura. Em relação ao hã, corpo, os Kaingang dizem que quando uma criança nasce ela recebe uma alma que dá vida ao corpo, mas seu kumbã, espírito, é fraco, vulnerável e por isso precisa de cuidados que compreendem banhos com ervas específicas para o fortalecimento e a fixação do espírito².

Entre os Kaingang, a posse da terra é coletiva e as famílias têm o usufruto dos produtos de suas roças. Nas roças familiares continua sendo utilizado o sistema antigo de coivara – técnica em que o terreno começa a ser limpo antes dos períodos de chuvas. As vegetações rasteiras e de pequeno porte são derrubadas, empilhadas em locais estratégicos e deixadas por algum tempo para secar, antes de ser iniciado o plantio ateia-se fogo para concluir a limpeza do terreno e dar início à plantação – onde se plantam garã-pé, milho Kaingang, batata-doce, pehó, abobora, rangró e mantéie, espécies de feijão, e ainda milho híbrido. Este sistema tradicional impõe o pousio da terra e exige rotatividade de culturas que encontra-se inviabilizado devido a redução drástica do território. Algumas famílias cultivam pomares com plantação de banana, cana de açúcar, goiaba, laranja, limão e outros cítricos.

Na agricultura familiar toda a família, inclusive as crianças, participa dos trabalhos intensamente. Os homens e meninos (entre nove e catorze anos) são responsáveis pelas atividades de roçadas, limpeza do terreno, empilhamento, queima, plantio, capina e colheita. Os meninos menores (seis a oito anos) ajudam na retirada de pequenos matos e no empilhamento. No cultivo da mandioca os homens vão abrindo as covas, as mulheres colocam ramas e as crianças vão cobrindo os buracos com a terra. Existem alguns tipos de cultivo e colheita que são de responsabilidade específica das mulheres e das crianças como a batata-doce e as abóboras. As principais atividades das mulheres na roça é cozinhar para os homens que estão trabalhando e cuidar dos filhos pequenos com a ajuda das filhas solteiras (meninas que tem entre seis e catorze anos).

²Cf. ROCHA, (2005, p.97) Os remédios do mato também estão ligados à ideia de transmitirem qualidades especiais, como por exemplo, nos banhos dos recém-nascidos, quando o chá de determinadas plantas é passado no corpo da criança para transmitir-lhe uma série de características próprias da alma.

OS GUARANI

Os Guarani, grupo do tronco linguístico Tupi-Guarani, dividem-se em três subgrupos: Mbyá, Nhandéva e Kaiová. Identificam-se mutuamente e mantêm laços de parentesco e afinidade com aldeias distantes, não se limitando ao território nacional. Apesar da grande abrangência do seu território (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) o sentido de identidade entre os Guarani tem se preservado através da manutenção da língua e da cultura.

Antes da colonização europeia e da conseqüente perda de parte de seus territórios, os Guarani distribuíam-se desde o litoral estendendo-se às florestas subtropicais do planalto, até o rio Paraná a oeste. Estabeleciam suas aldeias geralmente em regiões de floresta tropical, fazendo clareiras na mata, usando as áreas próximas para caça, coleta e agricultura.

Permaneciam no mesmo local, entre cinco a seis anos, até esgotarem os recursos naturais, sendo que depois do solo descansar e a fauna se recompor, retornavam aquela área. Normalmente a aldeia compunha-se de cinco a seis casas comunitárias, sem divisões internas, em cada qual vivia de vinte a trinta pessoas.

No centro da aldeia existia a casa de rezas, onde eram realizadas as atividades rituais. No interior das habitações e nas áreas periféricas da aldeia concentravam-se as atividades femininas relativas aos cuidados das crianças e ao preparo dos alimentos. Desenvolveram uma cerâmica decorada, confeccionando abundante quantidade de recipientes de argila queimada. Fabricavam cestas e peças variadas, com fibras e taquaras, inclusive redes de dormir e ainda fiavam algodão para confecção de peças de vestuário.

No Norte do Paraná os grupos não falam mais a língua materna nem praticam sua religião tradicional. Monteiro (1992) observa porém, que certos aspectos essenciais do modo de ser deste povo – tais como o discurso profético e o profundo senso de identidade – são manifestos de forma constante e consistente nas fontes, tanto histórica como etnográficas, na atualidade.

Também os Guarani não são um povo homogêneo, existem diferenças entre as parciais, nas formas lingüísticas, costumes, práticas rituais, organização política e social, orientação religiosa, assim como formas específicas de interpretar a realidade vivida e de interagir segundo determinadas situações. Embora se reconheça existirem questões gerais que perpassam a maior parte dos grupos no tocante ao território, a religião, a concepção de infância, a importância da oralidade, ao papel central dos cantos e instrumentos musicais da dança e da religiosidade, é necessário observar que cada grupo, mesmo dentro da mesma parcialidade, tem suas particularidades e que as generalizações contribuem pouco para a compreensão dos fatores socioculturais que os envolvem.

O estudo de Schaden (1976) evidencia que, apesar do aldeamento e das limitações impostas pelo projeto do Estado, os Guarani continuaram se deslocando em busca do *yvy maraey*, da *terra sem males*, considerando este como um lugar paradisíaco ou uma terra boa e produtiva que possibilitaria uma existência plena. O autor salienta que se deve considerar, porém, que as





mudanças nas razões de sua busca, bem como o momento no qual ela será alcançada, sofreram alterações significativas, principalmente pela influência do cristianismo por meio da histórica atuação das ordens religiosas entre este povo. A este respeito Melia (1990) argumenta que a busca da *terra sem males* pelos Guarani esta relacionada a sua concepção de terra pois os Guarani não se deixam determinar inteiramente pelo ambiente; eles buscam *sua* terra, da qual tem conhecimentos experimentais consideráveis; elegem ambientes aptos, escolhem determinadas paisagens, preferem determinadas formações vegetais onde podem assentar-se e cultivar. As qualidades da terra são avaliadas pelas possibilidades de caça e coleta, em parte e, sobretudo, da boa agricultura. Para os Guarani o comportamento depredador que sempre mostraram as sociedades coloniais, tanto no que respeita ao desmatamento como a caça, e visto como um mal irreparável (MELIA, 1990, p. 23). Porém, a pesquisa com membros do grupo Guarani Nhandewa do Norte do Paraná mostrou que a terra pode ser re-humanizada quando houver boa água, uma casa e um pátio com possibilidades de se desenvolver atividades religiosas de cantos e danças.

O Guarani atual tem mostrado uma imaginação extraordinária para recriar espaços ecológicos semelhantes aos tradicionais, que lhes sejam verdadeiros *tekoha*. Tem sabido procurar os últimos rincões de “terra-sem-mal” nessa geografia devastada que é agora o antigo território guarani, e encontram, todavia, algumas terras sem dono, que portanto são suas”.

Entre os Guarani a figura do xamã (sacerdote, rezador, curador, *txeru* ou pajé) é importantíssima. Estes se formam pela inspiração, aprendizagem, iniciação, e, principalmente, pela revelação divina que acontece quando há a devoção. Bartolome (1991) afirma que antes da colonização, os religiosos Guarani tinham grande prestígio e participavam ativamente da vida sócio-política tendo o controle sobre a colheita e demais assuntos importantes do grupo, podendo converter-se em chefe absoluto de seu povo. Nimuendaju (1987) diz que antigamente os Guarani não reconheciam outro líder além do pajé-principal. Quando passaram a se relacionar com as autoridades da sociedade dominante, “estas nomearam como principais todos aqueles que prometiam usar essa autoridade da melhor forma possível em favor dos que a nomearam” (NIMUENDAJU, 1987, p. 75). Desta forma, com as mudanças impostas pelo contato, os xamãs se encarregaram mais especificamente da religião enquanto os caciques, ou principais, juntamente com suas lideranças políticas realizam as demais atividades.

Os Guarani acreditam que *Nhanderu* os fez especialmente para cantar e dançar. “A música, o cantar, o executar os instrumentos tem caráter invocatório. Os instrumentos, principalmente, tem o papel de atingir a escuta dos deuses em suas moradas” (MONTARDO, 2002, p.32). Nimuendaju (1987) observou que os Guarani cantam e dançam por qualquer motivo relatando que, ao nascer uma criança, poucos dias depois o grupo se reunia, no maior número possível de pessoas, para saber de onde viera aquela alma que há muito já estava pronta para chegar. Neste caso, a única tarefa do religioso – que, segundo Nimuendaju (1987), lhe exige um tremendo esforço – seria fazer a correta identificação pronunciando seu nome.

Por meio do convívio familiar, de jogos e exemplos, a criança Guarani aprende a conhecer e distinguir os comportamentos considerados adequados e aqueles que são desaprovados pelo grupo.

Estudos (MONTARDO, 2002; MOURA, 2005) reafirmam que para os Guarani a sabedoria é “dada” por inspiração. As crianças vão alcançando o conhecimento na medida em que participam e se exercitam nos rituais, tem instrumentos e funções específicas, sendo o processo de aprendizagem dos movimentos coreográficos contínuo. “O princípio pedagógico Guarani, entre outras coisas, privilegia a relação, como se pessoas e coisas não existissem por si mesmas, mas existissem a partir da relação em que estão inseridos. Relação com os deuses, com o outro, com a natureza” (MOURA, 2005, p.25).

Para Rosangela Faustino, “A própria prática de transmissão do conhecimento ancestral se dá pela transmissão dos mitos, reatualizados nos ritos através do corpo pelos cantos e danças”.

OS XETÁ

Desde o final do século XIX, já existiam relatos sobre a presença de índios no centro sul do Paraná, denominados Xetá. Este grupo indígena pertencente ao tronco linguístico Tupi-Guarani, foi oficialmente contatado na década de 1950, pelo Serviço de Proteção aos Índios, atual FUNAI, na região da serra dos Dourados no noroeste do Paraná.

Diversas expedições organizadas pela Universidade do Paraná e pelo SPI, chefiadas pelo antropólogo José Loureiro Fernandes entraram em contato com 60 indivíduos de um grupo maior de 200 pessoas, quando foram realizados estudos linguísticos e da cultura material Xetá. O cineasta tcheco Vladimir Kozák efetuou registros destes índios através de filmes, fotografias e desenhos, os quais constituem acervo do Museu Paranaense.

Considerado à época do contato como um povo que vivia somente da caça e coleta, estudos mais recentes constataram que a situação dos Xetá naquele momento, justificava-se pelos constantes deslocamentos do grupo provocados pela expansão cafeeira. Da mesma forma, na mitologia Xetá aparecem indícios de que no passado estes índios conheciam o milho e a agricultura.

Vítimas do extermínio gerado pela expansão cafeeira, os seis remanescentes dos Xetá e seus descendentes anseiam por reunirem-se novamente em uma terra só deles. De acordo com a Fundação Nacional do Índio, a Terra Indígena Xetá encontra-se atualmente em processo de demarcação pelo governo federal.

Pesquisa em: Tese apresentada pela Professora Doutora Rosangela Célia Faustino ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, linha Educação, História e Política, como requisito parcial à obtenção do título Doutor em Educação.



EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

- 38 Escolas/Colégios Estaduais Indígenas regulamentadas;
- 24 municípios paranaenses;
- 15 Núcleos Regionais de Educação.
- Educação Infantil – 495 alunos
- 1º ao 5º Ano – 2.307 alunos
- 6º ao 9º Ano – 1.787 alunos
- Ensino Médio – 437 alunos
- TOTAL – 5.026
- Programas/Atividades/Recuperação de Estudos/Aulas Especializadas/Sala Multifuncional – 1.626 alunos.

ETNIA	Nº DE ESCOLAS
Kaingang	17
Guarani	15
Kaingang e Guarani	5
Xetá, Guarani e Kaingang	1
Total de Escolas	38

NRE	MUNICÍPIO	TERRA INDÍGENA	ETNIA	ESCOLA INDÍGENA
A M. NORTE	PIRAQUARA	ARAÇAI	GUARANI	E.E. MBYA ARANDU
CAMPO MOURÃO	CAMPO MOURÃO	VERÁ TUPÃ	GUARANI	E. E. I TAPÉ AVIRÚ
CORNÉLIO PROCÓPIO	CORNÉLIO PROCÓPIO	ARAI WERA	GUARANI	ARAI WERA
	SANTA AMÉLIA	LARANJINHA	GUARANI	E.E.I. CACIQUE TUDJA NHANDERU
	SÃO JERÔNIMO DA SERRA	SÃO JERÔNIMO	GUARANI, KAINGANG E XETÁ	E.E.I. CACIQUE KOFEJ
		BARÃO DE ANTONINA	KAINGANG	E.E.I. CACIQUE ONOFRE KANHGRÉN
	BARÃO DE ANTONINA	KAINGANG	E.E.I. ÍNDIO RAEVYNHKÁG	
CURITIBA	CURITIBA	KAKANE PORÃ	GUARANI, KAINGANG E XETÁ
FOZ DO IGUAÇU	SÃO MIGUEL DO IGUAÇU	TEKOHÁ OCOY	AVÁ GUARANI	C. E.I. TEKONEMOINGO
	ITAIPULÂNDIA	TEKOHÁ ATI MIRI e ITACORÁ	AVÁ GUARANI	C. E.I. ARANDU RENDA

GUARAPUAVA	TURVO	MARRECAS	KAINGANG	E.E.I. CACIQUE OTÁVIO DOS SANTOS
		KOEJU PORÃ	GUARANI	E.E.I. ARANDU PYAHU
IBAITI	TOMAZINA	PINHALZINHO	GUARANI	E.E.I. YVY PORÃ
IRATI	INÁCIO MARTINS	RIO D'AREIA	GUARANI MBYA	E.E.I. ARANDU MIRIN
IVAIPORÃ	MANOEL RIBAS	IVAÍ	KAINGANG	C.E.I. CACIQUE GREGÓRIO KAEKCHOT
	CÂNDIDO DE ABREU	FAXINAL	KAINGANG	C.E.I. PROFESSOR SERGIO KRIGRIVAJA LUCAS
JACAREZINHO	ABATIÁ	YVY PORÃ	GUARANI	E.E.I. NIMBOEATY MBOROWITXA AWA TIROPE
LARANJEIRAS DO SUL	NOVA LARANJEIRAS	RIO DAS COBRAS (SEDE)	GUARANI E KAINGANG	C.E.I. RIO DAS COBRAS
		RIO DAS COBRAS (TREVO)	KAINGANG	E.E.I. PROFESSOR CANDOCA TÂNHPRÁG FIDÊNCIO
		RIO DAS COBRAS (CAMPO DO DIA)	KAINGANG	E.E.I. FEG PRAG FERNANDES
		RIO DAS COBRAS (TAQUARA)	GUARANI E KAINGANG	E.E.I. JOSÉ NER NOR BONIFACIO
		RIO DAS COBRAS (SEDE)	GUARANI E KAINGANG	E.E.I. CORONEL NESTOR DA SILVA
		RIO DAS COBRAS (LEBRE)	GUARANI E KAINGANG	C.E.I. CARLOS ALBERTO CABREIRA MACHADO
	LARANJEIRAS DO SUL	BOA VISTA	KAINGANG	E.E.I. KO HOMU JOSÉ OLÍBIO
	ESPIGÃO ALTO DO IGUAÇU	RIO DAS COBRAS (PINHAL)	GUARANI	E.E.I. VALDOMIRO TUPÃ PIRES DE LIMA
LONDRINA	TAMARANA	APUCARANINHA (BARREIRO)	KAINGANG	E.E.I. ROSENO VOKRIG CARDOSO
		APUCARANINHA (SEDE)	KAINGANG	E.E.I. JOÃO KAVAGTÂN VERGÍLIO
		APUCARANINHA (SEDE)	KAINGANG	C.E.I. BENEDITO ROKAG

PARANAGUÁ	PARANAGUÁ	ILHA DA COTINGA	GUARANI	E.E.I. PINDOTY
	GUARAQUEÇABA	CERCO GRANDE KUARAY OGUATÁ PORÃ	GUARANI	E.E.I. KUARAY GUATÁ PORÃ
	MORRETES	TUPÃ NH'É KRETÃ	GUARANI KAINGANG E XETÁ	E.E.I. EMÍLIA JERÁ POTY
PATO BRANCO	CLEVELÂNDIA	ALTO PINHAL	KAINGANG	E.E.I. NITOT
	CHOPINZINHO	MANGUERINHA (PALMEIRINHA)	GUARANI	E.E.I. VERA TUPÃ
		MANGUERINHA (FAZENDA)	KAINGANG	E.E.I. JYKRE TÃG
	MANGUEIRINHA	TI MANGUERINHA (SEDE)	KAINGANG	E.E.I. KÓKOJ TŨ HAN JÁ
	PALMAS	PALMAS	KAINGANG	E.E.I. SEGSÓ TANH SA
TOLEDO	DIAMANTE D'OESTE	TEKOHA AÑETETE	GUARANI	E.E.I. KUAAMBO'E
		ITAMARÃ	GUARANI	E.E.I. ARAJU PORÃ
	GUAÍRA	TEKOHA MARANGATU	GUARANI	E.E.I. MBYJA PORÃ
	SANTA HELENA	TEKOHA VY'A RENDA POTY	GUARANI	E.E.I. TEKO MBO'E GUARANI
TELÊMACO BORBA	ORTIGUEIRA	QUEIMADAS	KAINGANG	E.E.I. CACIQUE CRISPIN GY MŨ
		MOCOCA	KAINGANG	E.E.I. CACIQUE NUR FE

SITES PESQUISADOS

<http://ktommasino.blogspot.com.br/2011/03/os-kaingang-e-os-guarani-no-parana.html>

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88422/275237.pdf?sequence=1>

<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=68>

<http://indigenas.ibge.gov.br/>

<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>

<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88422/275237.pdf?sequence=1>



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO